



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

28 de Setembro de 1996 • Ano LIII - N.º 1371
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

CALVÁRIO

A sabedoria dos Simples

ANDE comigo. Venha ver. E lá vou eu atrás duma santa velhinha, a seis anos dos cem, apoiada na bengala, lentamente, que quem muito andou já poucas forças tem para pressas. Chegámos.

— *Está tudo limpo. Asseado. Eu gosto de ver isto bonito.*

A mata está varrida. Os arbustos, as árvores esguias estão regaladas com tal limpeza e a *ti* Adelaide feliz a contemplar o trabalho das suas mãos.

— *Está tudo bonito.*

Hoje em dia, quem vê televisão, ouve rádio, lê jornais, quase só tem conhecimento

de desgraças, de catástrofes, de guerras, de violência, destroços de vidas, de coisas negativas, embora intercaladas com música ou anúncios de toda a ordem.

Quem ouve o semelhante só ausculta lamúrias, medo, insegurança.

Quem se acerca de alguém que empreende, trabalha, estuda, tem de se preparar para escutar o pior.

Quem se abeira das grandes cidades depara com aglomerados humanos a viver por vezes em condições indignas.

E quem anda pelas estradas ou pelos campos descobre facilmente atentados à Natureza.

— *Veja como isto está limpo. Asseado.*

Após a Criação também Deus «viu que tudo era bom». E fez-nos semelhantes a Ele para que também cada um de nós continuasse a ver o lado bom do mundo, das coisas, dos homens.

O próprio mistério da Redenção tem como finalidade restaurar no homem a visão do Bom e do Belo.

Santo Agostinho, depois de conseguir remir-se do seu passado negativo, exclama: «*Tarde Vos amei, Beleza antiga e sempre nova, tarde Vos amei!*»

A *ti* Adelaide fez-me regressar aos pri-

mórdios da Criação e ouvir a Voz de Deus dizer que é bom tudo quanto Ele criou.

A sabedoria dos Simples fá-los trilhar naturalmente e com simplicidade o caminho que leva à meta da Teologia: «*Ver como Deus vê*».

É essencial para o homem voltar a ser capaz de tornar tudo positivo na vida para poder apreciar a Beleza, a Bondade, a Verdade.

A caminhada pedagógica de Deus ao homem começa pelo mundo em que o situa para ir até ao seu íntimo. E, então, quando o homem puder dizer que dentro de si tudo é bom será plenamente feliz.

Esta preocupação pelas coisas, que a rodeiam, não permite certamente à *ti* Adelaide que mancha alguma esteja dentro dela. É uma pessoa feliz, apesar duma vida longa e duma cruz pesada e vai sê-lo, com certeza, para sempre.

Tanta falta faz aos novos a sabedoria dos velhos!

Padre Baptista

TRIBUNA DE COIMBRA

Respeito pela dignidade e história de cada um

UMA zaragata trouxe a *tribuna* o Roberto e o Celso — que são irmãos. Desentenderam-se por «dá cá aquela palha» — diz o povo — e foram «às do cabo». Um deu e o outro não se ficou. Da agressão física passaram à verbal e psicológica e, aí, é que o «caldo se entornou...», ao que se veio a apurar.

As palavras, às vezes, ferem mais. E foi o Celso que, por desvantagem dos anos e por ser mais quebradiço, arremessou, feroz, a funda das palavras em alvo certo. As consequências foram piores.

Lavado em lágrimas, Celso veio ter comigo acompanhado de testemunhas que em nada desdiziam do acontecido. A acusação era evidente e não restavam dúvidas: o Roberto não olhara a meios.

A seguir ao almoço, os dois procuraram esclarecer a comunidade sobre o sucedido. Os dois ao meio, como é costume, cada um por sua vez, iam explicando os modos como a birra

Continua na página 4



Vistas de dentro

Apanha do tomate numa das nossas Casas

JÁ há anos que passo esta época nesta nossa Casa com horas deliciosas a mastigar o trabalho dos nossos rapazes. Coincide sempre a azáfama entre o período de férias à beira-mar e o começo do ano escolar. Tempo de muitos desempregados à espera.

Com muitos tomates a luzir, vermelhinhos, andam todos encantados e ansiosos. O chefe-maioral combina com o Padre da Casa e com o condutor da camioneta.

A tarefa começa no dia seguinte. No fim do pequeno-almoço esperam ordens. Há distribuição de trabalhos. A maior parte dos rapazes, especialmente os mais velhos, recebem a notícia:

— *Vão ao celeiro buscar caixas para a apanha do tomate. Vão ser seis toneladas por dia. É a camioneta cheia.*

— *Oh!... Ouve-se na sala de jantar.*

— *Quando acabarmos há recreio até à noite.*

E aí vão eles, alegremente, ganhar o pão com o suor do rosto. Pão alegre, fruto do seu trabalho.

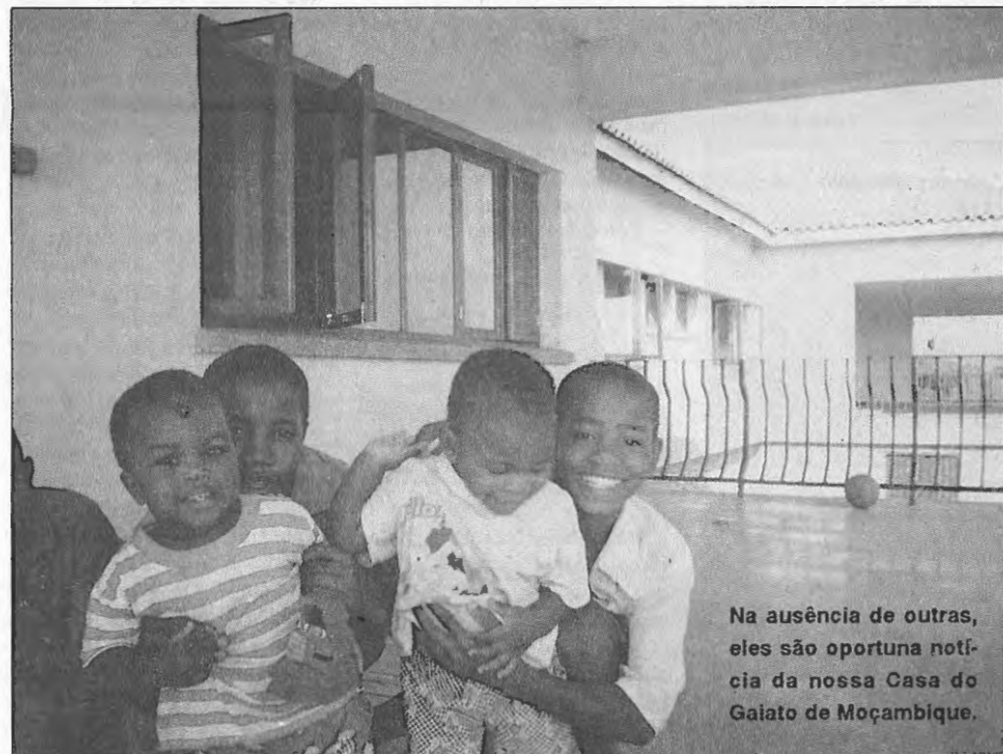
Estamos ainda de férias. Eles combinam o serviço: das nove às treze. Recomeçam às quinze, até às dezassete. Nesta altura a camioneta fica acogulada e parte para a fábrica. Habitualmente fica ali toda a noite até chegar a sua vez. Só de manhãzinha volta a Casa e fica estacionada no meio do tomatal. É mais um dia novamente cheio de alegria. Assim, o trabalho é sempre uma fonte de alegria.

Ao mastigar o seu trabalho alegre recordei a plantação dos tomateiros. Era tempo escolar e, por isso, só feito nas horas vagas. O terreno geralmente muito molhado. Atolei-me na terra mais encharcada. Fiquei com sapatos e meias e calças e mãos cheias de lama!

A plantação feita à mão com grande sacrifício, compensado pela alegria da colheita que, este ano, será grande: mais de sessenta toneladas!

Graças aos rapazes e também graças a Deus.

Padre Horácio



Na ausência de outras, eles são oportuna notícia da nossa Casa do Gaiato de Moçambique.

Conferência de Paço de Sousa

DAMOS A MÃO — Há certos males ou doenças que nem sempre é possível resolver a breve trecho, especialmente quando o paciente tem a hipótese de beneficiar dos mais recentes avanços da Medicina.

No caso vertente é um moço, órfão de pai, cuja mãe já se desfez de tudo para o salvar. Atitude própria da Maternidade. Ninguém como elas são capazes de tamanho heroísmo!

Ao longo do tempo, esta mulher simples tem-nos contado, com lágrimas nos olhos, a sua dolorosa cruz, amenizada pela Esperança — aurora dos santos!

Agora, porém, tem necessidade de muito mais, que a prótese, os tratamentos afins para otimizar os resultados, as estadias dele e o acompanhamento são despesas com montantes incomportáveis para gente pobre.

Demos a mão. Damo-la com alegria. Não importa com quanto nem com quê. Deus acode na hora própria — na proporção das necessidades. E, quais pobres também, erguem os braços ao Senhor pelos quadros de Vida que, numa leitura transcendente, proporciona nos calvários dos Pobres.

HOMEM HONESTO — Ele é delicado, por natureza. Acanhado, também; melhor diríamos envergonhado, a expor carências pontuais.

Da última vez, muito triste, com as mãos trémulas, não tinha palavras para dizer que o subsídio, que o filho doente recebe da Segurança Social, atrasara um pouco mais e não poderia passar sem ele...

Acudimos.

Dias depois, com um sorriso nos lábios, esclarece que a verba chegou. Tudo entrou na normalidade. Homem honesto! Felicitamo-lo pela atitude.

PARTILHA — Assinante 9700, de Coimbra, manda cheque de 12.000\$00 «para ajuda da conta da farmácia. Pelo volume será grande 'quebra-cabeças'. Pequeno auxílio que, oxalá, possa repetir com frequência». Deus permita que sim. Mais: no topo, a missiva traz uma citação de Pirkei Avot: «Quanto mais caridade mais paz».

Outro cheque, «para os vossos Pobres», do assinante 11938 — Pedroso (Carvalhos), «pedindo anonimato». Cumprimos.

Pelas CASAS DO GAIATO

A assinante 113, da Cidade Invicta, divide a «ajuda pelos casos mais urgentes, em sufrágio pelas almas dos pais», disse. Presença de muitos anos!

Assinante 11171, antigo discípulo da extinta Escola Mouzinho da Silveira, Porto, que lembramos com saudade, sugere que «o remanescente de contas com a Editorial» seja para os nossos Pobres. E manda «um grande abraço» que retribuimos com a amizade de sempre.

A presença habitual de «Manuel Braga», mai-lo cheque destinado «às irmãs viúvas ou viúvos. Há deles envergonhados que até precisam mais, pois os homens têm mais dificuldades de viver. Eu quero que todos vivam melhor, pois há tanta fome neste mundo e tanto dinheiro mal gasto!»

Santa Cruz do Douro (Baião): «Pequeno cheque, sem destino...»

Outro, da assinante 57002, Senhora da Hora, «sendo 15.000\$00 o meu pequeno contributo do mês de Setembro para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — Paço de Sousa». Lembra «uma oração por intenção que Deus sabe». E basta que Ele saiba! Na verdade, sempre assim foi, os nossos Amigos erguem tão Alto, com discrição, as suas ofertas! Por isso, damos graças a Deus.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

PISCINA — Infelizmente terminaram os banhos, que foram bons e com muitos mergulhos. A piscina voltará a servir-nos no próximo ano, se Deus quiser.

AULAS — Já começaram. Esperamos que os nossos rapazes caminhem para a escola cheios de vontade de estudar. Está ali uma boa parte do seu futuro.

VITELOS — A «violeta» teve dois vitelos, mas, pouca sorte!, ambos morreram. Não-de aparecer mais, com certeza.

EDITAL — Foi apresentado aos nossos rapazes o novo mapa de obrigações. É preciso que seja cumprido ao longo do ano conforme a obrigação marcada.

FUTEBOL — No dia 14 de Setembro jogámos contra uma equipa de Odivelas, treinada por um antigo gaiato. Resultado: 9-1 a nosso favor.

Arnaldo Santos

MALANJE

ELEIÇÕES — No dia oito de Agosto realizámos eleições em nossa Casa. Houve quatro candidatos.

O Bernardino foi eleito chefe-maioral com 31 votos, seguido do Belito com 30, o Adão com 9 e o Chico com 5 votos. Um dia de entusiasmo, pois temos novo chefe-maioral, e dele esperamos um mandato honesto e prudente para nos orientar.

FUTEBOL — Fizemos um jogo amigável com uma equipa da cidade. Jogo bonito, sem anarquias. Conseguimos empatar 1-1, apesar deles serem mais crescidos.

MÃE DA CASA — Chegou a nossa mãe Maria do Céu, depois de alguns meses de

férias. Ficámos muito regozijados com o seu regresso, pois já estava a fazer muita falta cá em Casa.

Jorge Zenildo

PAÇO DE SOUSA

FÉRIAS — As férias chegaram ao fim. Todos gostaram delas. Agora, a malta prepara-se para o novo ano escolar.

Estão desejosos pelo começo das aulas e de conhecerem os professores.

Bom ano escolar.

TRABALHO — As mudanças de trabalho vão acontecer. E os mais crescidos esperam ansiosamente as respectivas faxinas.

MUDANÇAS — Já houve mudança de chefes em todas as casas da nossa Aldeia. Também houve de rapazes.

Com certeza gostam da casa onde agora estão.

VINHA — As uvas estão maduras, mas a vindima ainda não começou. Vamos ter uma das melhores colheitas dos últimos anos, se Deus quiser.

NOVOS GAIATOS — Chegaram mais dois pequenos. Um de seis anos, o outro de sete. Vão adaptar-se bem à nossa vida.

DESPORTO — A época desportiva está brevemente a principiar.

Contamos com mais equipas, para as defrontarmos, do que no ano passado.

Estão todos desejosos de jogar futebol. Proponham encontros, escrevendo para o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa ou telefonem para o 055-752285.

«Vitinho»

SETÚBAL

ARRÁBIDA — Terminaram as férias à beira-mar em nossa casa, na Arrábida. Foram dias maravilhosos. O mar. A praia. A serra. O panorama. As nossas instalações. Tudo ajudou para as nossas férias serem boas.

A nossa casa é um encanto! Logo à entrada encontramos a esplanada com a sombra das três árvores de jardim floridas, mesas e cadeiras a convidarem ao repouso. Alguns passam ali parte dos seus dias.

A sala de televisão com as cadeiras fofas que nos ofereceram. Alguns ficam ali a dormir, tal é o conforto.

Esteve ali sempre uma das nossas carrinhas, com motorista, para ir buscar o que fosse preciso. O nosso Padre Acílio procura tratar-nos bem. As férias são para aproveitar. E nós aproveitámo-las bem.

Os quartos, com varandas para o mar, são encantadores. E com belas vistas da serra: os barcos na água, as pessoas a tomar banho, o movimento na estrada. Tudo ajuda a umas boas férias!

REGA — Voltados à quinta: É necessária a nossa atenção e o nosso esforço. São os tomates para apanhar. É o milho todo para regar. E outros trabalhos.

Temos duas máquinas para regar o milho e não lhes falta que fazer. Uma rega a duzentos metros e a outra a cem. Só é preciso mudar as mangueiras. Elas fazem o resto. O milho está muito bom! E as vacas com sorte...

ANO ESCOLAR — Faltam poucos dias para o começo das aulas, cujo rendimento depende muito de cada um, sendo necessário que se esforcem e procurem aproveitar. Muitos julgam que basta ir às aulas, mas não; também é necessária a nossa colaboração.

Votos de bom ano escolar!

Cronista X

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Na sala de jantar já colocaram o chão e a sala está quase pronta para ser utilizada.

Na sala da televisão, em alguns quartos, no bar e noutras coisas mais estão a preparar tudo para enchermos as segundas lajes de betão.

MILHO — Nas terras com milho já apanharam as espigas caídas no chão e as que estavam bem secas.

AVES — Os pássaros estão na mesma, excepto os mandris que deram três crias. Um morreu porque tinha fome...

DOENTES — Os dois rapazes que estiveram no Hospital, e foram operados, regressaram a casa com boa saúde.

Na oração do Terço rezámos por eles e por muitos mais doentes, conhecidos e desconhecidos.

FUTEBOL — Todos gostam de jogar futebol.

Não podemos utilizar, agora, todo o campo porque nma parte está com entulho e podemos aleijar-nos.

É o desporto favorito.

ESCOLAS — Para o Luís «Mocho» começou segunda-feira. Ia muito contente porque sabe que vai aprender coisas novas de que nunca teria ouvido falar.

Para os outros, de Miranda do Corvo, as aulas principiam no dia 23. Para os do Lar não sabemos quando, mas já falta pouco.

João «Pequeno»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Sempre que lá vamos, o mesmo sorriso e a alegria estampada no rosto, é assim a D. Joaquina, os seus 76 anos e a doença a manifestar-se de várias formas, obriga-a a andar com muita dificuldade. Sugerimos-lhe uma bengala para se apoiar. De pronto a resposta: «Tenho vergonha e ainda não sou velha».

Sorrimos, mas de contentes! O médico mandou-a andar e ela assim faz. Numa das nossas visitas, apesar do esforço que fazia, algo não estava bem, a preocupação assaltou-nos, o que seria daquele sorriso se caísse numa cama. Quisemos saber porque não ligava o rádio: «Oh! menino, está avariado e não posso mandar arranjá-lo». Com o desenrolar da conversa deixa escapar a tristeza que sente, e acrescenta: «Gostava tanto de ouvir e ver o que os senhores dizem na televisão, era a minha companhia e distraía-me». Nunca teve televisor e o rádio avariou, não justifica a reparação. Que bom seria podermos fazer-lhe a surpresa com um televisor que trabalhasse.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Do Porto: «envio dois mil escudos para a Conferência de S. Francisco de Assis. Tenho sabido através d'O GAIATO os difíceis problemas que às vezes se vos deparam». «Que Deus vos inspire na vossa obra de caridade para com os mais necessitados. Junto envio em vale do correio vinte mil escudos referente ao terceiro trimestre. Vossa Irmã em Cristo.» Da assinante 9708, quinze mil escudos «tirados da minha reforma para os mais carenciados». De M.M., do



Setúbal: Mangureira posta, põem a máquina a regar.

SETÚBAL

ESTE ano deixámos a Casa da Arrábida a dois de Setembro.

As férias para os rapazes começaram também só a cinco de Julho. Como a Primavera foi muito chuvosa, atrasou-se a sementeira da batata e, conseqüentemente, a sua colheita. Por isso só foi possível deixarmos a quinta com a colheita e a recolha dos referidos tubérculos a mais de meio. Fomos ainda obrigados a substituir o telhado e toda a estrutura que o segura, dos armazéns da nossa batata. Toda a obra foi realizada pelos estudantes, após as aulas, orientados por dois pedreiros.

Um de Setembro fora domingo. Eu tinha ainda peditório no Algarve, em Albufeira. Tudo aconselhava que se prolongassem as férias por mais dois dias. Naturalmente que os rapazes deliraram com o adiamento. Um fim de semana na Arrábida vale mais do que um ano inteiro fora dela! É a natural atracção do mar e da serra. É a liberdade mais livre que aqui se vive. É o encanto dos namoricos nascidos neste convívio encantador. É o desafogo da responsabilidade. Mais dois dias de férias é prazer incomparável a que não se deve fugir havendo possibilidades de o gozar.

Vazia a Casa, é urgente limpá-la e pô-la em ordem.

Os rapazes estragam sempre alguma coisa. O ano inteiro de cedência a grupos que a ocupam ao fim de semana e não só, cria necessariamente a necessidade de uma revisão a fundo. O espírito que preside a este cedimento anual a pessoas ávidas de Deus é aquele que transparece do Evangelho de Jesus Cristo na pregação do Reino dos Céus: — A rede que apanha peixes bons e maus — A seara imensa do trigo e do joio — O filho convidado pelo Pai para a Vinha, o qual prometeu ir e não foi e o outro que afirmou não ir e... depois foi.

Aos homens é dada a casa que se situa num local dos mais lindos do mundo. Tem a aparência de uma casa de ricos, para serviço dos ricos, mas não é. É uma casa de pobres para ser usada por pobres.

Assim: há quem a utilize e se aproveite dela com espírito de pobreza, usando-a com todo o cuidado mais que a sua própria e deixando-a limpa com requinte; compensando também escrupulosamente o usufruto. É o trigo, o peixe bom. É a sementeira que produz cem sementes!...

Há os que a habitam com pouco discernimento e a abandonam sofrivelmente sem se aperceberem de quanto custa uma casa destas num sítio tão privilegiado.

Há ainda os que a gozam como se estivessem no hotel partindo, estragando e encobrindo, deixando a sensação de que nada lhes dói.

O nosso dever é persistir no espírito inicial. O único que constrói o Reino de Deus e nos permite experimentá-lo. Assim, onze rapazes dos 20 aos 16 anos ficaram dez dias a fazer limpeza. Lavaram tectos e paredes, janelas e sacadas. Aspiraram roupeiros e chão, limpavam gavetas de todos os móveis e coberturas dos roupeiros encastrados nas paredes. Esfregaram com petróleo toda a área de soalhos dos trinta e três quartos, corredores e sala com chão de tacos de madeira de pinho. Enceraram e puxaram lustro, deixando tudo a brilhar.

As casas de banho, tantas quantos os quartos, mereceram especial cuidado.

Vieram os carpinteiros, uma semana, substituir portas, pôr vidros, reparar aduelas e cadeiras, afinar fechaduras e cremonas.

Compareceram os serralheiros para colocar na cozinha um lava-loiças de três grandes cubas de aço inoxidável que

nos deu o Padre Cristóvão, de Lisboa, e consertar torneiras e autoclismos.

Os pedreiros compareceram também para arrancar o lava-loiças de pedra e compor uma parede da Capela, de onde deslocámos o armário dos paramentos e alfaias sagradas. Um trabalho todo ele feito pelos gaiatos! Generosamente! Abnegadamente! Alegrementemente!

Como me enchia a alma vê-los cantar ou então ligar o pequeno rádio para que o trabalho fosse uma festa.

De cansado e de gasto que andava, pedia que se calassem ou fechassem o rádio. Que não podia com o barulho!... Mas eles não resistiam. Mal eu voltava costas surgia logo o canto, o rádio ou a brincadeira! Uma festa a limpar, a arrumar, a esfregar.

Agora, alguns dias passados, saboreio a casa limpa, mas delicia-me ainda mais a lição que eles tomaram com suas próprias mãos e toda a sua alma.

Amanhã, todos eles saberão fazer na sua casa uma limpeza a fundo e apreciar um ambiente limpo, ordenado e aseado.

— Quem diz que obrigamos os rapazes a trabalhar? — Muitos inimigos do homem. — Fazemos, sim, que eles tomem gosto pelo trabalho, pela limpeza, pela dignidade!... Não com palavras, lições, discursos, consultas, vigilância... Mas sim com a vida.

É na vida concreta, real, que se faz o Reino de Deus e que se fazem os homens.

Só nos acusa quem nunca educou ninguém, nem nunca pegou num rapaz da rua para fazer dele gente!

Também a Casa da Arrábida, o nosso Lar de férias, quer ser uma expressão real do espírito que inunda a Obra da Rua para quem aqui se vier acolher à sombra de Deus!

Padre Acílio

ESCOLA

ABRIU hoje. Um dos nossos *Batatinhas* estrepante, o «Pinheirinho», decerto emocionado pela nova condição de estudante, fez xi-xi na cama esta noite, coisa que há muito deixara de acontecer.

Um sinal de quem tomou a sério o evento. Não foi com taça de *champagne* nem cálice de *Porto*, mas a inauguração molhou-a ele conforme a praxe. Oxalá todos os intervenientes na

vida escolar acompanhem o «Pinheirinho» em seriedade, manifestada embora, ou a manifestar..., de forma bem diferente!

Júlio, sabendo do meu interesse pela Escola e da minha fraca convivência na Comunicação Social, mandou-me um lote de recortes de jornais versando o tema: — «Tem aí material para analisar e reflectir» — me disse. E com tal fartura me deixou.

Uma notícia agradável veio trazer uma restezinha de esperança à preocupação em que temos vivido e de que fiz meu desabafo há quinze dias. Trata-se da reunião do ministro com a Confederação Nacional das Associações de Pais.

Só o facto deste encontro, nas circunstâncias de tempo e de lugar em que ocorreu, constitui boa nova. É justo e saudável que os Pais tenham voz activa nos projectos educativos e sejam assim parceiro autêntico na elaboração das linhas mestras de um processo cuja razão de ser são os filhos. A Família costuma ser alvo de muitas laudas nesta e em outras áreas da vida social

— mas isso é árvore sem frutos. Do que precisa — e tal redundaria num imenso bem comum — é de estar sempre na mira de quem decide para toda a Nação, olhando os reflexos de todas as medidas que sobre a Família incidem, na diligência de expurgar os maus e empolar os bons quanto possível. Não tem sido assim. Nós mesmos, Família com perto de cinco centos de filhos nas Escolas do nosso País, com um projecto educativo conhecido e admirado na Europa dos pedagogos, somos obrigados a enfiar o barrete do pronto-a-vestir único no burgo.

Quantos esforços feitos no sentido de uma racional autonomia para a Escola em nossas Casas! Os teóricos falam muito nela e do que têm observado na estranha em viagens de estudo que o orçamento cobre. Palavras que o vento leva!

O espaço da Escola é aquele em que a Obra da Rua menos autonomia tem; a não ser em África, sobretudo em Moçambique, onde o vazio oficial e a parcimónia dos professores nos per-

mitem estruturá-la à nossa maneira e sustentá-la à nossa custa. Quem dera poderemos tal aqui, neste jardim à beira-mar plantado!

Fiquei, pois, muito feliz, com «a maratona de mais de seis horas» que foi o dito encontro e a perspectiva da institucionalização do diálogo concretizada em Pacto Educativo entre as duas partes, Ministério e Pais. Pode o Pacto não ter força de lei, mas significa um acto de justiça e uma grande força moral — portanto «serve», ao contrário do que li de um assessor parlamentar.

Mas fiquei ainda mais feliz, ao conhecer a postura da Confederação das Associações de Pais. Ela «quer *'mais exigência e maior rigor' no ensino, na avaliação e na definição dos conteúdos essenciais. O quase slogan vale para professores e alunos. 'Apenas após a aquisição das competências específicas de cada ano devem os alunos transitar de ano. A ausência prática de retenção transformou-se numa forma enviesada de combater o insucesso escolar e originou o 'facilitismo'. Por isso, que seja revisto o processo de retenção, tendo presente que a avaliação não deve ser um fim em si mesma, mas 'um instrumento ao serviço da aprendizagem'.*»

Fiquei muito feliz, sim. Pelo menos os Pais não se demitiram da verdade, por cara que às vezes custe; e sabem o que querem: «'Mais exigência, maior rigor' contra o 'facilitismo'».

Padre Carlos

ENCONTROS em Lisboa

Reflexão sobre o realismo do processo escolar

O ANO ESCOLAR começa hoje e acabo de escutar o Ministro da Educação a dizer aquilo que é óbvio e que parece ter andado esquecido durante algum tempo: o primeiro ciclo do ensino básico tem que ensinar o que é essencial para a continuidade do estudo, isto é, ler, escrever e contar. Creio que com esta afirmação se colocam novamente bases sólidas para o edifício da educação e da aprendizagem. Desejo que, com este realismo, sejamos também capazes de reflectir sobre um outro problema que surge de imediato: a equivalência entre nove anos de escolaridade (até aos 15 anos) e escolaridade mínima, como se todos os miúdos fossem peças de uma máquina e ao fim de nove anos na escola todos tenham que conseguir, com êxito, o nono ano (não falo dos diplomas de frequência que me parecem um absurdo).

QUEM anda por situações como a nossa em que nem houve pré-primária, nem se começou no momento adequado, mas a maioria começa já com dois ou mais anos de atraso e, mesmo assim, com algumas resistências, sabe que o nono ano é um alvo demasiado longínquo a atingir. Depois, como se pode processar a entrada no mercado de trabalho, sem a tal escolaridade mínima? Temos o direito de os relegar para portugueses de segunda ou terceira categoria?

TENHO tido a sorte de andar pelos nossos bairros de lata. Se os planos de escolaridade fossem feitos nestes bairros, eles seriam mais realistas porque encontrariam aí matéria para muita reflexão. Perceberiam como se estabelece a marginalização através do processo mais nobre que seria a integração plena na sociedade. Veremos dezenas de jovens que nem sequer o ciclo preparatório terminaram e alguns nem o primeiro ciclo básico, para ali atirados, à deriva, sem trabalho nem modo de se inserirem no mercado de trabalho, cria arrepios e a xenofobia, a intolerância, o ódio, a marginalidade total espreitam.

PARECE-ME que o processo escolar tem muitos passos a dar para se adaptar à realidade e pegar na população escolar onde ela se encontra e assim caminhar com ela.

NESTA REFLEXÃO sobre o realismo do processo escolar volto a lembrar a questão dos cursos técnico-profissionais a começar cedo, fim do ciclo preparatório, com a vertente aprendizagem, isto é, dar equivalências escolares à medida que se avança no mundo da profissão.

Padre Manuel Cristóvão

PENSAMENTO

Senhor, que estas linhas sejam luz, a fim de que todo o mundo saiba e compreenda que não é a morte que separa ninguém, mas sim a vida em que se vive e em que se morre.

PAI AMÉRICO

Porto, em vale do correio, vinte mil escudos. De Fiães, «para vos ajudar um pouco envio quinze mil escudos». Da assinante 10770, por vale do correio, três mil escudos.

Outro, de dez mil escudos. De C. B., de Coimbra: «Queridos amigos envio dez mil escudos para ajudar os vossos protegidos». De Braga, dois mil escudos. Da assinante 45872, «para os vossos irmãos mais desfavorecidos, dez mil escudos».

Anónima, «para a despesa do casal necessitado, cinco mil escudos». Outra de dez mil escudos. Da assinante 9157, vinte e cinco mil escudos. Assinante 32409, cinco mil escudos. Assinante 51077, «para o que for mais necessitado», sete mil e quinhentos escudos. Anónima, do Porto, vinte mil escudos «para ajudar a vossa falta de meios». S. Pedro do Estoril, cinco mil escudos. De um amigo, na Alemanha, duzentos marcos.

Muito obrigado pela ajuda que nos dão.

Adelaide e Zé Alves

PATRIMÓNIO DOS POBRES

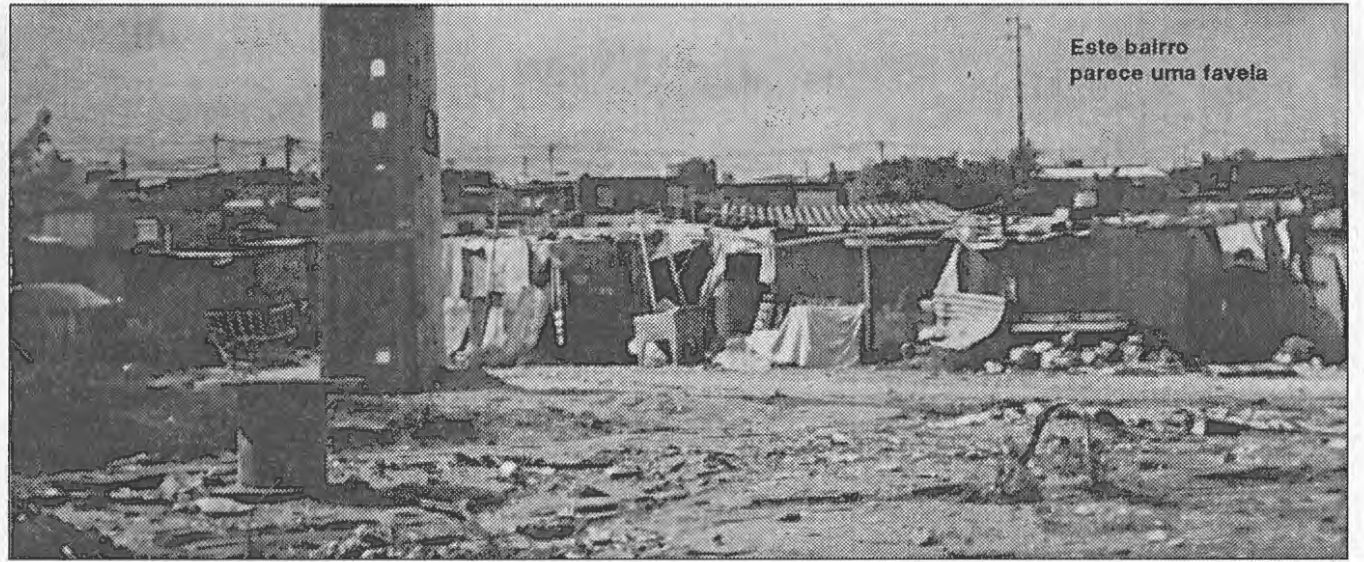
«Em Portugal também há muitas favelas!»

FOI um dia todo a visitar familiares nos arredores de Lisboa. Um casal radicado há cinquenta anos no Brasil, agora de visita à sua Pátria de origem, quis conhecer familiares que vivem nesta região, onde já todos nasceram, e teve de passar junto de muitos bairros de barracas. Ao fim do dia, muito abismados, desabafaram: — *Em Portugal também há muitas favelas!*

Estremeci com tal desabafo. Foi mais um alerta nacional. Os nossos governantes vão tomando conhecimento desta verdade, mas... é fácil prometer por palavras; que de promessas estamos abonados.

Fiquei chocado com a afirmação e tenho-me preocupado com ela. Conheço um pouco da vida das favelas. Já visitei algumas e tentei visitar outras, mas só pôde ser à distância. Aconselharam a não me meter ali dentro, onde nem a polícia tem entrada. Os testemunhos da vida dos favelados é, por vezes, misteriosa e aterradora.

Quem estiver um pouco atento aos meios de comunicação e ouça, veja ou leia os relatórios dos crimes horrorosos que se



Este bairro parece uma favela

cometem em algumas delas ou fora, por elementos que ali habitam, fica com uma ideia da atrocidade humana que se pratica.

Olhando para o caminho da vida de marginalidade que se está a gerar no nosso País, ficamos inquietos e preocupados. É ver os assaltos e homicídios dos últimos tempos. E os preferidos são os idosos — que vivem sós. Que se julgam inseguros e medrosos.

Como no País irmão, também no nosso se geram conflitos e crimes e guerras em bairros de lata ou de barracas. É tempo de estar atentos. Os governantes prometem acabar com tal situação e alguns já têm feito muitas coisas em seus concelhos, mas o problema é grave e urgente.

Já há muito que o Padre Américo sentia ânsia de acabar com estes bairros e substituí-los por habitações decentes, capazes de promover os seus habitantes. Ele conta que numa visita a um bairro de latas fora ameaçado: — *Lá vem o ladrão dos Pobres! Arruma-lhe à cabeça!*

O Padre Américo nunca mais sossegou. Na hora da despedida deste mundo já tinha promovido milhares de habitações. Teve a alegria de assistir à entrega de algumas naquele bairro onde, actualmente, já não há nenhuma barraca.

Vale sempre a pena fazer bem!

Padre Horácio

DOCTRINA

Não pagar jorna a quem trabalha brada ao Céu.



da comunidade do Lar do Ex-Pupilo. Não que eu empenhe haveres, mas sim a tua caridade. Olha que esta palavra não é dos dicionários; se não conheces a Cristo Jesus, não a lês nem a entendes (...).

EU deveria ser dotado com meios suficientes para acudir às necessidades do Pobre, uma vez que me constituí em procurador deles. Tratando-se de negócio tão delicado, em que todos os homens são interessados, eu devia ser poupado ao trabalho de pedir, ficando à minha conta o de bem distribuir, que já é de por si extenuante e muito ingrato. Sim, devia. Mas o mundo não atende. A maior parte dos homens de fortuna não quer considerar a tremenda responsabilidade dos seus bens, ocupados como andam com o problema de os acumular, em vez de pensarem a sério noutro muito mais grave qual é o de bem distribuir. A ninguém mandou Jesus acumular riquezas na terra!

PARA consolidar fortunas, muitos homens passam por cima dos Pobres sem respeito nem coração; e, na pressa que levam, nem sequer reparam que eles são seus Irmãos. Oh, quão difícil não é entrar um rico no reino dos Céus! — diz o Evangelho. O moço rico foi-se embora triste e deixou o Mestre triste quando ambos conversaram acerca das riquezas que aquele possuía e não quisera repartir.

SIM; vou pedir na igreja de S. Bartolomeu, amanhã. Sé Nova, no domingo seguinte. E assim por diante, até à consumação dos séculos. É absolutamente impossível que a sinceridade das minhas palavras, nos púlpitos das igrejas, não lhes empreste algo de divino; e que o nosso bom Deus, por amor de Quem eu peço, não qualifique Ele mesmo a tua oferta quando eu passar à tua beira. Afinal de contas, dás do que é d'Ele («Todas as coisas são Minhas») e recebes multiplicado!

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

SENTADO à banca de trabalho na casa onde agora habito, venho lançar pregão aos homens de boa vontade para vestir os rapazes que vivem na minha companhia. Não deveria ser assim, que todos eles trabalham no comércio e na indústria da cidade; mas o trabalho já não é metal sonante que garanta a subsistência dos trabalhadores. O operário já não é digno da sua mercê. A justiça foi substituída ou falsificada. Se o sal não salga, para que presta?! Daí vem que o trabalho precisa de andar a pedir.

TUDO bate certo na ordem da Natureza: As andorinhas acabam de chegar; é o tempo delas. O lavrador abre jeiras e atira a semente. Os montes vestem as roupas de festa. Porém, todas as vezes que o bicho homem mete o nariz para reformar naquelas coisas que são, por natureza, irreformáveis, dá bota. Ora o trabalho, o salário, a justiça são valores depositados nas mãos dos homens, sim, mas de maneira nenhuma sujeitos aos seus caprichos; antes, devem eles sujeitar-se ainda que com sacrifício pessoal dos interesses e até da própria vida. Assim está certo.

ESTAS breves considerações, só por que vêm a talho de foice é que são aqui chamadas, porquanto a minha missão não consiste em fazer doutrina, mas sim somente em pedir... Tenho direitos adquiridos. Comprei a chapa de mendigo com o suor do meu rosto. Não peço como os pedintes das feiras para guardar, antes para distribuir. Os meus rapazes são pobres. Os delitos do Reformatório são causados, ordinariamente, pela força da Miséria.

QUAL a mãe de família que vai empenhar seus haveres em maré de grandes apuros, assim eu, no meio

Malanje dia-a-dia

Direitos e deveres são as fontes da paz

2/5/96 Direitos e deveres são as fontes da paz. Podem calar-se todas as armas, que sem eles reinarão as injustiças, os roubos, a corrupção e a fraude. Então o caos será maior que a própria guerra. Nesta, sabíamos onde estavam os canhões; no dito não sabemos se pela travessa chegaremos à própria rua.

Menino em tronco nu bateu na barriga e disse numa voz sumida: — *Fome...*

Mesmo, hoje, um funcionário nos pediu um quilo de farinha para conseguir almoçar com os filhos!

Má conselheira, esta fome...

Se os direitos não vigorarem e os deveres não se cumprirem, não haverá paz que nos valha.

É urgente uma aposta séria na educação

3/5/96 Encontrei o professor que dá aulas no Liceu. Falou no problema da desmotivação de professores e alunos.

Depois da longa greve, quando se esperava um esforço para recuperar o perdido, nota-se uma alarmante falta de interesse, não sómente da parte dos professores mas, o que é mais grave, da parte dos próprios alunos.

Braços caídos apostam no «ano perdido»...

E neste momento em que se torna urgente uma aposta séria na Educação!

Educação para o trabalho despertando as consciências para as nossas capacidades e para os recursos ilimitados das riquezas da Nação.

Educação para a dignidade do Povo — perdida nas praças de «compra e venda» e nos locais de distribuição da comida, ou na espera às portas das Missões pelo quilo de farinha.

Educação para a «não-violência» e respeito pelos Outros.

Dói e é preocupante esta falta de interesse e o encolher de ombros.

O dom do atendimento

6/5/96 Mais uma vez no hospital... O médico egípcio (muçulmano), como sempre, aten-

deu com todo o carinho. Fico confundido por ele deixar tudo (pessoas e coisas) para atender as nossas crianças. Nada o detém. Vejo nele uma força interior que orienta — e muito acima da frieza e moleza ocidental.

Possui o dom do atendimento. Dá-se não só a nós, mas a todos os que o procuram — como se todos fossem os primeiros.

— Que Alá o abençoe — digo-lhe, às vezes.

Ele sorri e faz um gesto ao Céu.

Hoje levei o Celestino com suspeita de doença pulmonar. Auscultou-o com carinho e que não. Que lhe desse muita fruta. Fruta e carinho. Uma lição de pedagogia: — *Como o menino veio de Luanda ainda não se habituou. Vai sentir-se triste enquanto não criar as suas amizades.*

De facto, ainda não consegui arrancar um sorriso ao Celestino!

Padre Telmo

NOTA DA REDACÇÃO — Como é óbvio, este diário do nosso Padre Telmo demorou três meses o percurso de Angola a Portugal!

Continuação da página 1

tinha explodido em agressão. As bulhas são quase inevitáveis, como o são as birras. Os rapazes medem-se e educam-se.

A certa altura o Roberto dispara, como se as explicações se tivessem esgotado: — *Ele chamou-me filho da... Foi o meu desconcerto. A história deles que eu guardava, velada, na minha memória, por amor*

Tribuna de Coimbra

deles, coincidia. As palavras não atraíam. Talvez as não medissem como convinha.

— Mas não sois ambos irmãos!?

A resposta foi um pranto incontido!

Entre nós todos fez-se um grande silêncio. Respeito pela dignidade de cada um

e da história de cada um. Ninguém sorriu; ninguém disse mais nada diante daqueles dois inocentes, vítimas de tragédias que nós bem conhecemos. Mas eu tinha de rematar. E fi-lo de voz embargada: — *Deveis perdoar um ao outro...*

O terror da orfandade e o vazio tinham vindo ao de cima. Perdoar um ao outro e a todos.

Padre João